

# O Terreiro do Pajé Barbosa: memórias político-afetivas do território Pitaguary<sup>1</sup>

Alex Hermes ASSUNÇÃO, PPGSA-UFRJ.

## RESUMO

A principal ferramenta mnemotécnica deste trabalho são as memórias do pajé Barbosa<sup>2</sup>: imagens produzidas na Aldeia Monguba da etnia indígena Pitaguary, em Pacatuba - CE, entre os anos de 2013 e 2023. Um acervo significativo que conecta o pesquisador ao território e aos colaboradores da pesquisa, ajudando a compreender processos de autonomia analisados conjuntamente aos saberes tradicionais em seus territórios. Trata-se de um repertório de saberes organizado a partir de cosmologia afro-indígena, que contribuiu para uma reflexão acerca dos métodos de aprendizagem, conhecimento, compartilhamento e colaboração. A retomada destas memórias cotidianas e de eventos foi proposta utilizando ferramentas da antropologia da arte para desmontar um cenário fatídico e reconstruir a vida a partir de uma política das imagens, dos afetos, das artes e dos saberes desses povos tradicionais.

Palavras-chaves: memória, aprendizagem, política das imagens; colaboração; etnicidade, corpo, saberes tradicionais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

<sup>2</sup> Pajé Barbosa(1967-2022) nasceu e cresceu na aldeia Monguba, Babalorixá e líder espiritual do povo Pitaguary.

## INTRODUÇÃO

Neste ensaio, antecâmara da memória experimental parte de minha dissertação<sup>3</sup>, em que nos propomos a encarar as memórias do pajé pela perspectiva de nossa imaginação e fabulação, resulta de incursões acadêmicas e artísticas que esse autor vem fazendo durante a formação e em suas práticas de pesquisa com arte, mas, principalmente, tentando entender o que podemos fazer com esse legado, podemos dizer assim: das memórias e saberes que o pajé plantou em nossas mentes e corações.

### 01 - Oscar, O Dragão: A ciência sem forma do Pajé Barbosa<sup>4</sup>

Sem forma-nome não quer dizer menor, muito ao contrário, o pajé nos coloca a tarefa de buscar em suas memórias, de especular abertamente sobre essa ciência, às vezes, chamada de saberes tradicionais, conhecimentos ancestrais, encantaria, conhecimento da mata e até cultura.

Sem forma, era a forma como ele se expressava para dizer que não era formado, pois não tinha sido formatado em uma forma. Não havia uma única forma de se chegar a esse conhecimento, muito menos como rotulá-lo. Ele também dizia que não queria que tivesse uma placa nos seus terreiros da Encantaria, definindo o que ele fazia, porque ali havia muitas formas de trabalhar a espiritualidade.

Essa situação nos ajuda a enfrentar certos problemas persistentes em nossas vidas e nas das pessoas com as quais vivemos, já que, elas também podem sugerir mundos possíveis por via de suas cosmologias, saberes e imaginação e, quando falo de imaginação, estou pensando em termos de:

Uma compreensão mais generosa da imaginação permitiria que ela transbordasse continuamente os limites da conceituação e da

---

<sup>3</sup> Link da Dissertação, PPGAS/UFRN: O Terreiro do Pajé Barbosa: memórias político-afetivas do território Pitaguary. Pesquisa no repositório institucional da UFRN: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54667>

<sup>4</sup> A palavra “ciência” tem significados muito profundos no universo da Jurema, do Catimbó e outras expressões afro-indígenas nordestinas. Grosso modo, a palavra é utilizada, em diferentes contextos, como sinônimo de conhecimento religioso, fundamento, poder, magia e força criadora.

representação, em domínios não mapeados da consciência e do sentimento. Por imaginar de verdade, então, não quero dizer a suspensão da descrença, uma excursão à terra do 'e se', ou o artifício de tomar um modelo mental interior ou uma imagem do mundo para um suposto mundo exterior que pode ou pode não existir de fato. Refiro-me, antes, a uma maneira de entrar de dentro para as correntes generativas do próprio mundo, equilibrando o próprio ser na iminência de sua emergência. (INGOLD, 2022, p. 04)

Essa ideia de imaginação para o autor também não pode ser confundida com a noção de criatividade ou inovação. Sua sugestão é que as pessoas se engajem em suas tarefas por um processo no qual o organismo inteiro, não há separação entre mente e corpo, produz a vida em contato com todos os seres e materiais, sejam eles humanos e não humanos. Uma visão que pretende restaurar o conhecimento da biologia para antropologia, assim como um pensamento ecológico da vida.

“Eu trabalho a espiritualidade 24 horas por dia e quando eu me for quero trabalhar 48 horas”. Esta frase que ouvi na Praia de Iracema, no dia 15 de agosto de 2015, ficou gravada na minha memória. Ouvi-a muitas vezes através do vídeo. Para Barbosa, para desenvolver a espiritualidade, essa ciência, a pessoa tinha que “se jogar sem medo”. Entendi que toda tarefa deve ser assim, inclusive, o trabalho com as imagens, no qual não poderia encontrar limites.



Imagem 01 - Saudades de Oscar, pintura feita pelo Pajé Barbosa, foto, Alex Hermes, 2023.

Passei muito tempo intrigado com essa pintura do Oscar o dragão, do pajé que coloquei acima. Essa foi “a primeira pintura do Barbosa”, como relatou Mãe Liduína, companheira a mais de trinta anos do Barbosa. Olhava, mas nunca o perguntei sobre o quadro. Na verdade, não sabia que era dele, somente muito tempo depois, creio que entre 2020 e 2021, durante a pandemia, entendi que ele pintava e que muitos quadros espalhados pela Casa do Meio, residência da família Gordinho, eram de sua autoria. Daí passei a prestar mais atenção e a conversar com Oscar mesmo sem saber.

As imagens podem voltar seus olhares sobre nós como espelhos, só que nos retorna, em nosso caso, como algo a ser trabalhado. O que não é nossa imagem reflexiva, mas que imagem queremos produzir para o mundo e que mundo queremos construir socialmente com esses trabalhos.

Ao me deter sobre as fotografias que compõem esse trabalho retorno à cena, ao quadro, às nossas memórias, momentos de afetividade, dor, alegrias e aprendizados.

Esse me parece um elemento importante a ser considerado ao fazer as escolhas e seleção imagens-memórias, porque esse fenômeno é atravessado por esses afetos e também se compõe deles. Silêncios inesperados, incertezas e muitas risadas para não levar tudo tão a sério. As gargalhadas sobravam no terreiro do pajé. Nunca sorri tanto na vida como na aldeia Monguba<sup>5</sup>. Essas memórias estão impregnadas dessas gargalhadas que aprendi a sentir falta quando estive longe da aldeia.

Ao compor montagens, as narrativas relativas às pesquisas antropológicas podem ser críticas sem perder de vista sua poética. Foi me movendo entre um terreiro e outro, onde vão sendo traçados os rumos de vidas diferentes, aproximando-me da fogueira, ampliando o repertório através da escuta informada, enquanto artista e antropólogo, que comecei de fato a estar com essas imagens de nossas memórias para desmontá-las juntos.

### Desmontagem

Uma fotomontagem, com várias técnicas de inscrição e procedimentos, uma peça que reúne traços e espacialidades distintas, adquiridas no processo de “se jogar”, como dizia o pajé, na aquisição de técnicas e conhecimentos. Essas são fronteiras do ser que busca aproximação no plano da arte, reciprocidade e afeto, em um mundo onde as fabulações, sonhos e imaginação têm ficado cada dia mais cinza e nebuloso. Busco por meio dessas alianças promover encontros que nos permitam experimentar pensando nos saberes da biblioteca decolonial da mata, esses chamados saberes tradicionais e pergunto: qual fronteira desses mundos nós deveríamos romper? Que mundos por vir estamos interessados em viver? Quais conhecimentos estiveram relegados e invalidados por tanto tempo?

---

<sup>5</sup> Localizada no Ceará Aldeia Monguba, uma entre as quatro aldeias, do povo indígena Pitaguary.



Imagem 02 - Abismo

Por meio de alguns procedimentos de desmontagem e remontagem, munido de tesoura e imagens impressas, retomo nossas memórias, muitas já descritas nesse texto. Outras receberam um tratamento do qual estou familiarizado. Os processos de produção, muitas vezes, são nomeados por trabalho de colagens e já não insisto em discutir e diferenciar quais técnicas são empregadas. O gesto de manipular essas memórias poderia ser feito sobre diferentes mídias. Os traços deixados nas composições é que me parecem mais interessantes de serem observados. As marcas que a tesoura deixa nos materiais, as diferentes escalas, aproximações e distanciamento propostas nas cenas compostas. São tempos diferentes que se aproximam com certa leveza. Tem uma característica da produção de vídeo dos anos noventa, algo como videoclipe. A linguagem do vídeo é um pouco solta e não tem pretensão de ter uma narrativa concisa.

Quando comecei a fazer a imagem abaixo - A palestra com os pássaros - , tinha na minha cabeça todas as vezes em que ouvia o pajé e também guardadas na minha

memória as conversas de mãe Liduína com os pássaros, que volta e meia andam no terreiro da retomada e na Casa do Meio. O elemento da máscara eu trago de uma longa pesquisa que venho fazendo e se estende sempre a outros trabalhos. Elementos da cultura popular: dos Caretas mascarados, brincantes do Cariri, dos ciclos festivos do Nordeste. Elementos da mais fina fabulação dos terreiros do sertão.

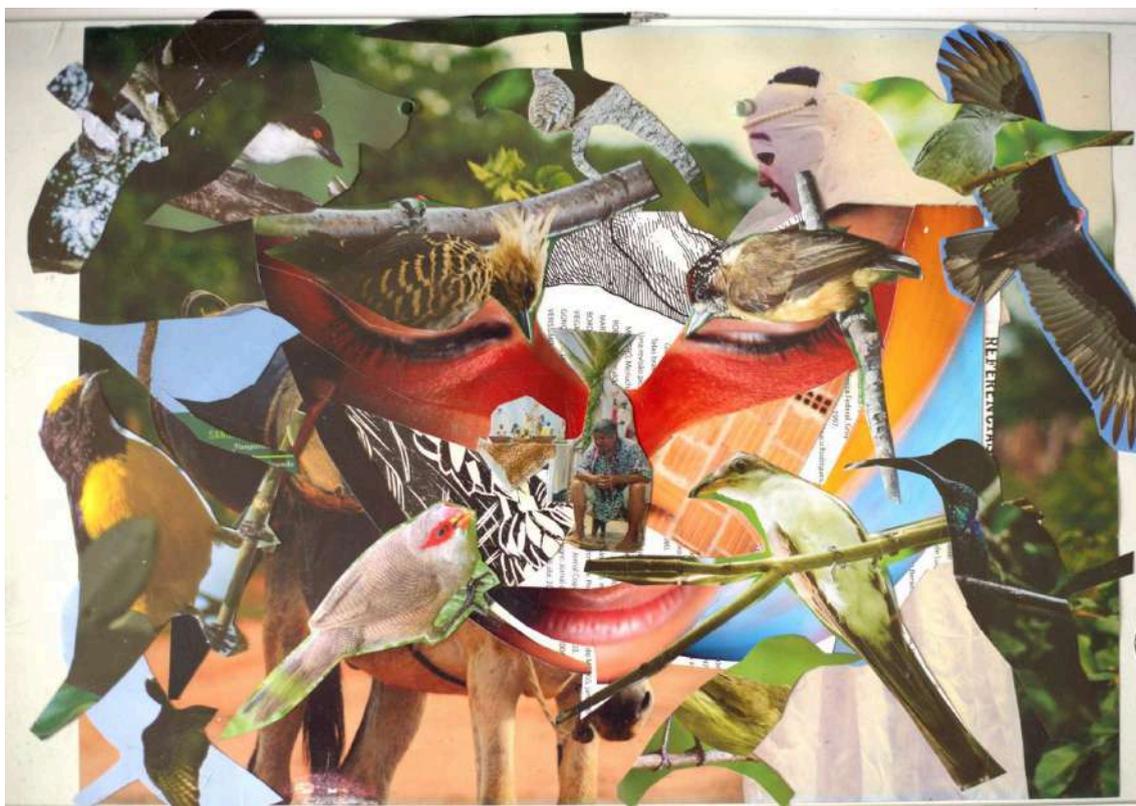


Imagem 03 - Palestra com pássaros.

Nessa antecâmara da memória experimental, exponho algumas inquietações acerca do que pode vir a ser uma reflexão sobre habitar as memórias na tentativa de desmontar alguns cenários sociais em uma prática metodológica de decomposição e criação no âmbito da pesquisa com procedimentos artísticos por meios de técnicas da fotografia, cinema, desenho e pintura, mobilizando o pensamento sobre a montagem e desmontagem do vídeo e da videoarte experimental.

Expondo o quanto a prática e o estudo dessas técnicas, através de artifícios da imagem e da composição, podem nos ajudar compreender e imaginar mundos possíveis durante investigações que nos propomos. Questões de fabulação, construção discursiva, narrativa e a potência da imagem na desconstrução que afetam o lugar em que vivemos,

nossas práticas e lugares por onde nós pesquisadores habitamos e trabalhamos em um aprendizado mútuo.

Se assumirmos que, por meio dos imaginários (DURAND, 2001) da cultura, os atores sociais ultrapassam os limites da realidade fática - estabelecendo novos domínios da realidade que interagem com os contextos históricos e culturais, de modo que os indivíduos dão sentido à sua práxis cotidiana tornando-a mais compreensível - parece inevitável uma articulação com mundos ficcionais imaginativos. O tema da referência à imaginação e à composição de narrativas fictícias e o seu princípio de distância supõe a construção de uma distância simbólica através da transferência para o espaço narrativo construído, de modo a - através de encenação - curar e exorcizar o que perturba a experiência da vida cotidiana.

Porém, para que esse trabalho de cura seja eficaz, é preciso mostrar que ela também pode ser feita no que existe, ou seja, no mundo da não-ficção. Conseqüentemente, observar-se-ia um trânsito - nos dois sentidos - entre o mundo da imaginação e o da memória, onde os fatos da vida real, depois historicizados através de mundos possíveis, buscando posteriormente retornar e influenciar a realidade concreta para corrigir e reinventar o que é incontrolável e insuportável em nossa práxis cotidiana.

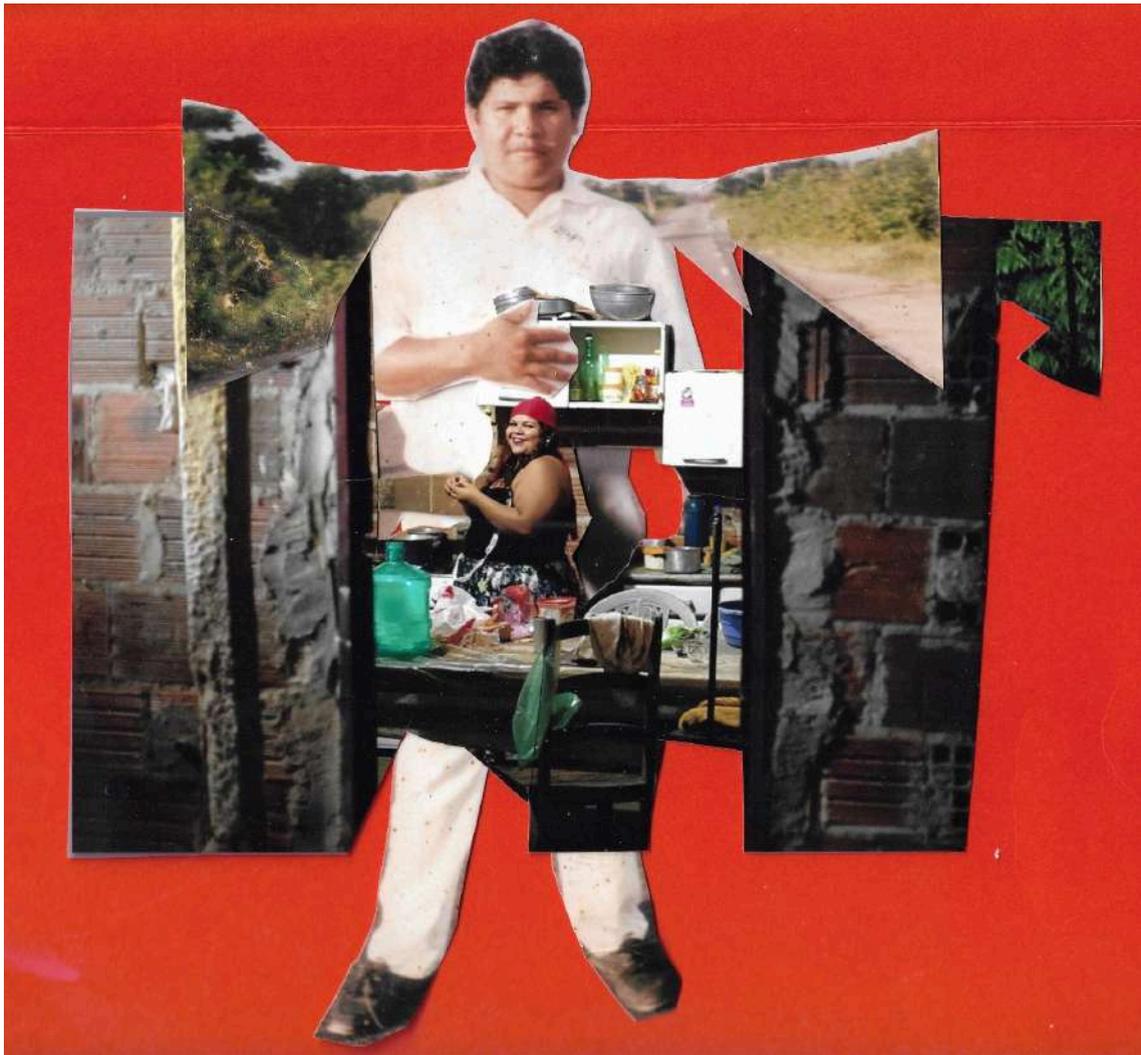


Imagem 04 - Cozinhando uma saudade, dedicada a Nadya Pitaguary, montagem, Alex Hermes, 2022.

Quantas vezes estive na cozinha da casa de Nadya, olhando por esse ponto de vista com os pés no terreiro de casa. Cozinhando uma saudade, tenta dar conta dessa memória. Essas memórias não estão coladas, estão levemente aproximadas. Imagens que estiveram todos esses anos da pesquisa impressas, penduradas, guardadas em meus álbuns, e fiz também algumas cópias para a família no decorrer do tempo. Elas ficam, às vezes, sobre a mesa de trabalho e se aproximam de outras, trocando olhares e sentindo o peso do tempo umas nas outras.

As fotografias também podem ser um fardo, por não permitirem esquecermos totalmente certas coisas. Por não deixar certas coisas se irem completamente e até mesmo criarem um tipo de recordação ideal para alguns corpos. Quando um corpo de

carne e osso se desmonta, uma imagem entra em seu lugar. Existe um trabalho de reposição desse corpo através das imagens (BELTING, 2010), acho que ainda temos essa visão herdada de uma psicanálise do imaginário ocidental muito forte. E ainda caminho por essa trilha.

## 02 - A arte da cura<sup>6</sup>

Sobre o tema o que podemos apreender diante das memórias do pajé Barbosa e seus saberes. O que elas nos ensinam? Sua premissa em relação às pessoas que cuidava era de levar a sério todas inquietações e aflições de seus "pacientes". Pessoas que chegavam com problemas e dores na alma, como já citamos um pouco de suas práticas da medicina tradicional e da espiritualidade. Em seus terreiros, ao longo de uma vida, o pajé Barbosa praticava uma "ciência sem nome". Um trabalho muito elaborado que ele começou a chamar em algumas situações de psicologia indígena da qual temos muitos registros e que tem interessado alguns pesquisadores. O que me interessa reter aqui sobre as memórias dessas práticas é sua potência criadora de caminhos para outras pessoas continuarem. Quanto à sua ciência sem nome, essa é ainda uma tarefa para o futuro que pode ser pensada por muitos pesquisadores e pesquisadoras.

### 2.1 O Atlas e a MESA, a Ciência sem nome de Aby Warburg

O Atlas do pesquisador das imagens Aby Warburg, A inspiração metodológica deste trabalho decorre principalmente de experiências anteriores que remetem ao ano de 2016 durante a residência de videodança na Escola Vila das Artes Fortaleza-CE, Residência ACHO: imagens e suas metamorfoses 2021-2022, Laboratório de pesquisa entre ontem e amanhã EAV Parque Lage 2022, através dessas experiências fui aos poucos conhecendo e adaptando a minha prática artística a obra do teórico alemão Aby Warburg.

O Atlas Mnemosyne de Warburg é a parte de seu trabalho que mais tem convocado e animado pesquisas nos diversos campos do conhecimento,

---

<sup>6</sup> Vídeo produzido para o canal do Pajé no Youtube < <https://youtu.be/CCDx6oIKskI> >

majoritariamente, no campo da pesquisa em arte no qual atuou. O Atlas mnemosyne, esse método? Aparelho de visão? Suporte mnemotécnico que tinha como objetivo entrever os tempos, forças, gestos, emoções, movimentos seria talvez como Didi-Huberman “especulação”. Um aparato do seu tempo, conforme ele explica.

Mnemosyne é, portanto, essa obra-prima - essa aposta epistêmica revolucionária, essa nova forma de saber visual - em que tudo que está ali reunido, coletado, libera multiplicidades de relações impossíveis de serem reduzidas a uma síntese. É obra de uma crise da unidade salutar e de uma crise da totalidade necessária, um conjunto de mesas para recolher o despedaçamento do mundo das imagens, para além de toda esperança - idealista ou positivista - de síntese. (HUBERMAN, 2018, p. 271)

O Atlas de Warburg desafiava os modelos de apresentação científica do seu tempo e eu diria que ainda desafia. Podemos saber muito mais através das interpretações dadas à ciência sem nome inventado por Warburg do que por ele mesmo em seus textos. Ele nunca tentou se explicar quanto a seus empreendimentos epistêmicos e metodológicos. Minha leitura é através, principalmente, de Georges Didi-Huberman, em seus livros *"A imagem sobrevivente(2013) e O Olho da História(2018)"*. Historiador da arte, filósofo e cientista social da arte e do mundo contemporâneo, Huberman montou exposições, escreveu e especulou muito sobre a obra de Warburg e o Atlas mnemosyne de forma sempre poética, filosófica e inspiradora.

Em um dos capítulos do livro da série *O Olho da História (2018)*, Georges Didi Huberman se dedica a analisar as concepções filosóficas e antropológicas dos usos da MESA como suporte de observação de conhecimento operatório. Ele demonstra os diversos procedimentos científicos, experimentais, recorrendo aos escritos de Émile Durkheim e de Marcel Mauss sobre as "formas primitivas de classificação". Os ritos e os mitos, como hoje sabemos bem melhor o que se chama de "pensamento primitivo", não dependem em nada do funcionamento "simples e elementar", como Freud acabava de mostrar pelos sonhos e pelos sintomas psíquicos, eram operações complexas que

atuam no “pensamento mágico”, na adivinhação e contágio empático. Conhecimentos que eram opostos às elaborações conceituais. As duas trabalham em acordo, modo de dizer que, a esse respeito, torna-se inoperante opor, a todo custo, a imaginação à razão.

Já que

atual sensível, mas seguindo um rito, ele adquire por isso mesmo um valor simbólico que o torna apto a servir de campo nas práticas adivinhatórias." Isso começa por uma sequência de gestos precisos, concretos, técnicos: a arte, se assim se pode dizer, de "instalar" ou de preparar a mesa (Figura 10). E acaba com a colocação de um conhecimento novo, do qual Vernant esboça, em conclusão, o perfil epistemológico: "A adivinhação, em consequência, não se funda aqui sobre uma confusão afetiva, mas sobre classificações concretas e precisas simultaneamente, embora não superpostas a nossas classificações científicas. (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 55)

Uma metodologia inspirada no Atlas deu materialidade e visualidade ao ato da desmontagem e remontagem entre imagens, gestos e corpos que buscavam entendimento mútuo.

Warburg poderia ter sido um Xamã se nascido em uma aldeia, por levar tão a sério a imaginação e as imagens. Assim o Xamã Davi Kopenawa Yanomami. Faço essa aproximação com esses pensadores porque me ajudam muito a pensar nas possibilidades de trabalho com a memória e as imagens.

No entanto, o que tento demonstrar é que esse saber, que vai sendo refinado ao longo das diferentes situações em que existe um equilíbrio entre a atuação dentro e fora; com e entre esferas de negociação, faz do pajé Barbosa um curador, um mestre, como ele mesmo dizia, “sem forma”, ou como escreveu Davi Kopenawa: um trabalho de tradução de mundos.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim. (KOPENAWA, 2016, p. 75).

Barbosa voltou-se às práticas de renovação e a manutenção da saúde e do

bem-estar ao longo do ciclo de sua vida, dedicando a isso boa parte do seu tempo, desde que assumiu o cargo de pajé, dialogando com as redes sociais de pesquisas e a socialização dos saberes tradicionais para promoção da saúde e participando de eventos e pesquisas, principalmente. Mas não só. Os saberes tradicionais são produzidos e transmitidos de maneira muito diferente dos conhecimentos científicos gerados nas universidades. Eles não são "transmitidos" e tratados de modo igual, mas sim de maneira adequada ao contexto em que são gerados. Os saberes tradicionais do pajé Barbosa são, na maior parte das vezes, produzidos coletivamente e transmitidos e disseminados oralmente. Desse modo, a proteção dos direitos das comunidades sobre seus conhecimentos requer criatividade. As próprias pessoas detentoras desses conhecimentos reconhecem que eles não têm dono, têm herdeiros.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim. (KOPENAWA, 2016, p. 75).

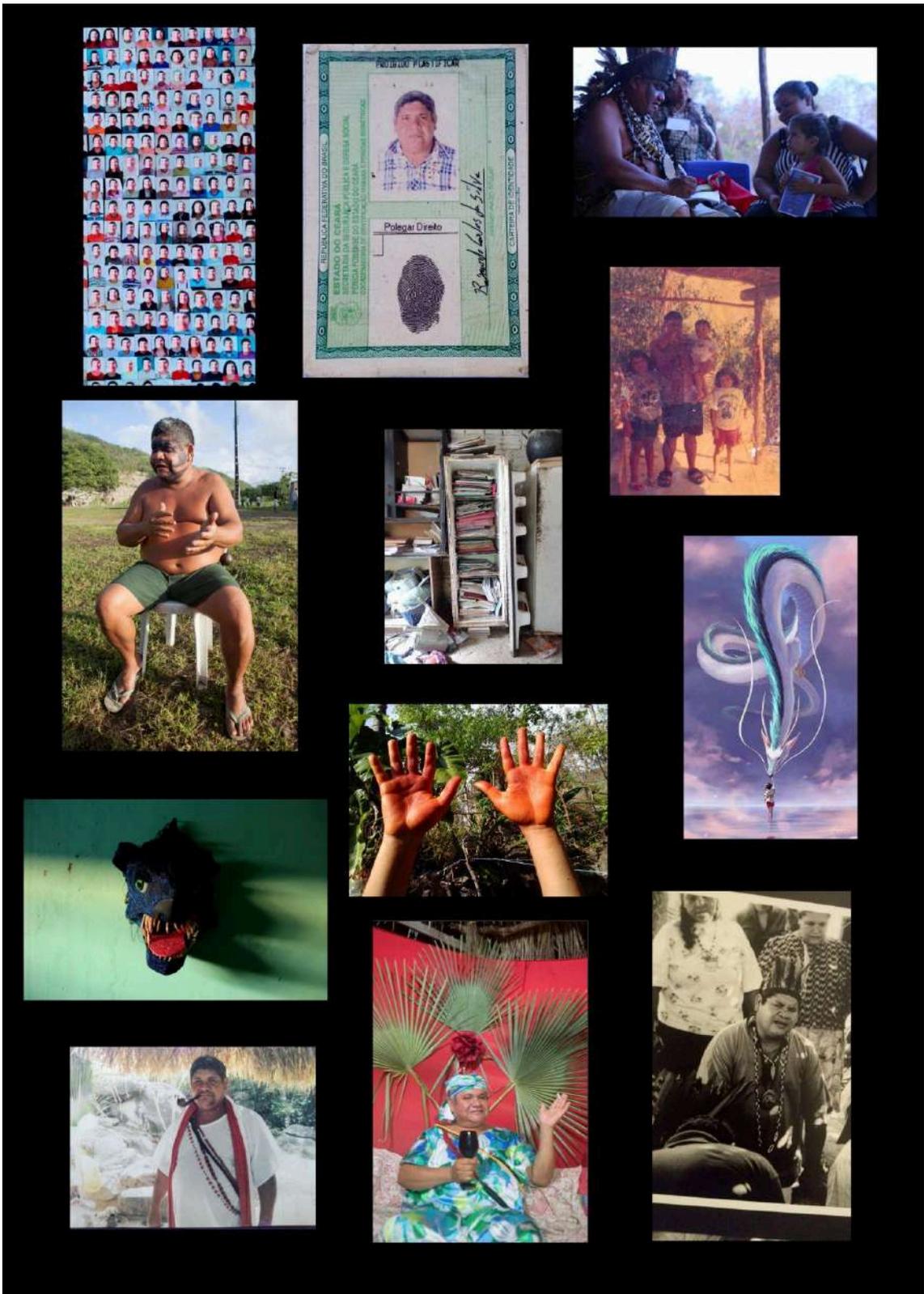


Imagem 05 - O Atlas de Oscar, Montagem Alex Hermes, 2023.



Imagem 06 - A Festa

### **Considerações Finais**

As várias formas de apreensão, captura, guarda das memórias e fenômenos não concorrem entre si. Imagens técnicas têm seu suporte e lugares, assim como as imagens/memórias que levamos no corpo, assim como o fato de não haver um pré-requisito para trabalhar com as imagens consagradas. Essas questões podem ser intercambiáveis, como exposto, ficando, justamente, com esse tipo de problema, não tentando achar uma resposta para ele ou o porquê de não mostrar as imagens. Inflacionando o mistério e a carga mística que isso poderia acarretar, as interdições existem e a prática do segredo também. Mas achei produtivo aprender mais sobre eles praticando os limites e indo pelas beiradas dos problemas.

Questões delicadas e éticas se impõem à utilização dessas imagens. Preservar a

intimidade e privacidade das pessoas tem sido um dos meus guias e acredito que essa resiliência frente ao desejo de compartilhar com uma comunidade mais ampla esses registros da pesquisa também é um aprendizado na medida em que tenho que buscar entendimento de como fazer esse trabalho.

O que foi possível até aqui está declarado em procedimentos de colocar as fotografias impressas sobre a mesa de casa e pensar se elas poderiam sair dos seus silêncios, alterando suas posições em pequenas retomadas. Sacudindo a poeira dos álbuns em gestos curtos e possíveis, que foram se elaborando em diversos ensaios e filmes em que, ao longo dos últimos anos, trabalhamos nos nossos arquivos e histórias, produzindo narrativas compartilhadas. Guiado pelas noções e sentidos também elaborados em casa, nos mesmos espaços que comemos, dormimos e fazemos nossos rituais. Não havia ateliês, estúdios ou espaços especiais elaborados para o trabalho. Aprender a aprender é um método que se produz fazendo, dentro do que é possível e das capacidades de cada um de, só ou coletivamente, reunir e animar os parentes. Mantendo a fogueira acesa, fazendo festas para nos lembrarmos delas nos momentos de resignação.

A identidade social dos povos de terreiro é uma identidade já por demais sofrida. O racismo atingiu e continua a violentar os terreiros e os povos indígenas. Sabemos disso cotidianamente. Não quis fugir dessa questão da ordem do dia. Preferi abordá-la de forma para não ser a pesquisa mais um inconveniente ou provocar tensões e preocupações às pessoas com suas decisões e atitudes ou questioná-las sobre suas tomadas de posição frente à sociedade. Adensando e propondo formas de abordar a visibilidade das memórias, identidades e a transmissão do conhecimento ampliamos os repertórios para ambos os lados. Passamos a reconhecer melhor nossos métodos e limites em jogo na pesquisa na qual todos estão, de algum modo, participando e colaborando.

Na maioria das vezes, acabamos constatando que as boas etnografias produzem boas informações e geram mais perguntas, abrindo o campo a muitas outras possibilidades de investigação. A minha hipótese é que, ao nos aprofundarmos nas questões impertinentes que o campo nos coloca como desafios, incompatibilidades a

priori, acabamos por puxar fios que jamais se conectam. Sem experimentar algo mais ousado, mesmo que esse gesto seja um caminho que aparentemente não leve a nada ou a uma produtividade aparente à primeira vista, avançamos a partir do trabalho de pesquisa. Avançamos criando caminhos compartilhados.

A prática artística, junto aos métodos antropológicos, foi uma boa forma de interpretar, traduzir os gestos e modos de fazer a pesquisa. A arte é uma boa mediadora dos mundos. O gesto artístico mais que tudo. E não se trata apenas de usar as orientações e os conceitos derivados do campo da arte, mas de usar a linguagem da arte para nos comunicarmos em campo. Ficando atento à poética da vida que as pessoas nos propõem, podemos entrar em sintonia com elas e propor juntos mundos habitáveis entre todos os que se dispõem a embarcar nessa história dos “saberes tradicionais”. Cosmologias que nos informam e formam para uma vida mais sustentável, inclusive para que possamos trabalhar melhor com essas imagens.

As memórias do pajé Barbosa são entendidas como uma ecologia de saberes de um processo coletivo de produção de conhecimentos, que visa reforçar as lutas pela emancipação social do seu povo e dos outros povos tradicionais com quem mantém alianças em torno do bem viver na terra.

Os povos tradicionais, povos originários, quilombolas, afro-brasileiros, assim como outros, como vimos, lutam para que seus territórios possam ser preservados no Brasil, assim apontam para um futuro no qual as mudanças climáticas estão atingindo a todos. Suas práticas, tecnologias e costumes ligados à espiritualidade e à produção da terra, como outras formas de fazer e de compreender o conhecimento, estão situados no território. Com ênfase na espiritualidade e no papel de destaque dos rezadores e benzedores no processo de mediação quanto ao uso das plantas medicinais, como importantes recursos naturais para a promoção da saúde, esse conhecimento ancestral ressignifica o presente e informa o futuro, tanto para as comunidades humanas quanto para as não humanas. Essas memórias são importantíssimas para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, Alexandre Hermes Oliveira. A Retomada das imagens Pitaguary. (TCC – Curso de Bacharelado em Antropologia – IH/UNILAB). Redenção, CE, 2021.
- BELTING, Hans. Semelhança e Presença – a história da imagem antes da era da arte, Maria Beatriz de Mello e Souza (org.), ISBN: 978-85-63447-00-5, 2010.
- BENJAMIN, Walter (1985) Obras escolhidas. Vol. I. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tomam posição. O Olho da História I. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontagens do Tempo Sofrido. O Olho da História II 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou o gaio saber inquieto - O olho da história III. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018
- DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.
- INGOLD, Tim. Estar Vivo: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição. Petrópolis, Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. Correspondences, Editora: Polity; 1ª edição, outubro 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomâmi. São Paulo: Companhia das Letras 2015.
- NODARI, Alexandre. Literatura como antropologia especulativa. Revista da Anpoll, 38, 2015.
- Rancière, Jacques. O trabalho das imagens/Jacques Rancière. -- Belo Horizonte : Chão da Feira, 2021. ISBN 978-65-991448-3-7.
- SAMAIN, Etienne. “As ‘Mnemosyne (s) de Aby Warburg: entre antropologia, imagem e arte”. Revista Poesis, n17, 2011
- SAMAIN, Etienne. (org.). Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- SEVERI, Carlo. Warburg anthropologue, ou le déchiffrement d’une utopie. De la biologie des images à l’anthropologie de la mémoire, L’Homme, n. 165, 2003, pp. 77-128.